

A educação superior e o potencial empreendedor: um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior Privada

Higher education and the entrepreneurial potential: a case study case in a Private Institution of Higher Education

Marcio Roberto Loiola Machado¹, Miguel Eduardo Moreno Añez² e Rubens Eugênio Barreto Ramos³

Resumo

Pautado na capacidade da educação em esculpir o comportamento das pessoas, o objetivo deste estudo é o de investigar a relação entre os fatores ligados ao empreendedorismo, tanto psicológicos quanto cognitivos, com o potencial empreendedor e a importância da educação superior privada na composição desta relação, com o intuito de traçar novas estratégias para o aprendizado empreendedor. Para tanto foram analisados 264 alunos pertencentes ao Curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada, face à missão e objetivos de ambos, em desenvolver a capacidade empreendedora em seus alunos. O presente trabalho inicia-se com uma introdução, em que são abordadas a preocupação do governo, bem como as pesquisas que envolvem a educação e o empreendedorismo; em seguida, retrata tipologia da educação e a educação empreendedora, conceituação sobre o potencial empreendedor. Nas últimas três seções, descreve-se a metodologia, a análise e a discussão dos resultados e, por último, uma conclusão.

Palavras-chave: Educação superior. Potencial empreendedor. Administração de empresas.

Abstract

Ruled in the capacity of the education in sculpting the people's behavior, the objective of this study it is it of investigating the relationship among the linked factors to the empreendedorismo, so much psychological as cognitive, with the enterprising potential and the importance of the private superior education in the composition of this relationship, with the intention of drawing new strategies for the enterprising learning. For so much it was analyzed 264 students belonging to the Course of Administration of an Institution of Higher education (IES) toilet, face the mission and objectives of both, in developing the enterprising capacity in their students. The present work begins with an introduction, where they are approached the government's concern, as well as the researches that involve the education and the empreendedorismo; soon afterwards, it portrays typology of the education and the enterprising education, conceituação on the enterprising potential. In the last three sections, it is described the methodology, the analysis and discussion of the results and, last, a conclusion.

Keywords: Higher education. Entrepreneurial potential. Management courses.

1 Introdução

O novo cenário mundial tem levado muitos a enfrentar a crise do desempregado qualificado, isto é, pessoas com formação de nível superior que não conseguem emprego no seu campo de formação ou especialização. Mais de meio milhão de estudantes concluem o curso superior a cada ano no Brasil e algumas previsões já alertam que, até 2010, somente 10% da mão-de-obra será constituída de empregados. A educação superior não pode e nem deve ficar alheia a este processo, em que o binômio educação e empreendedorismo pode ser a chave para um novo desenvolvimento.

De acordo com Santos (1995), “nas escolas, pouca ou nenhuma ênfase – ou estímulo – foi destinada para orientar os estudantes a considerarem a opção de criar um negócio próprio”. Para tanto, a Lei nº 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), juntamente com o decreto 2.208/97, estabeleceram um novo modelo educacional, focalizado

¹ marcioloiola@unp.br- Prof. Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

² anez21@hotmail.com- Prof. Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

³ rubens@ufc.ufn.br- Prof. Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

na construção de competências e habilidades e tendo como objetivo o processo de aprendizagem no qual o “aprender a aprender” e o “aprender a fazer” estivessem sempre presentes, com uma lógica de formação de atitudes, conduta e crenças. Com essa abordagem educacional, esperava-se contribuir, para que os alunos, formados hoje, fossem muito mais autônomos e desembaraçados que os do passado, ou seja, um novo modelo voltado para a educação empreendedora (Paiva 2002, p. 33). Ao citar a expressão “educação empreendedora”, urge a necessidade de conhecer a complexidade e diversidade de ambos os campos.

Para Souza (2000), não é possível tratar da educação a partir de uma ótica exclusiva dos profissionais deste campo, já que a educação vem sendo marcada, nas últimas décadas, por contribuições de diversas áreas, como: psicologia da educação, através da identificação de fatores capazes de afetar o comportamento, com a finalidade de tornar explícito os mecanismos psicológicos envolvidos no processo ensino-aprendizagem; tecnologia da educação; economia da educação; filosofia da educação, sociologia da educação, dentre outras.

Na mesma direção, ao analisar a literatura disponível sobre “empreendedorismo”, percebe-se que o tema, também, embora mais recente, é bastante complexo, cuja própria definição só encontra um absoluto consenso entre especialistas do mesmo campo (Filion, 1997). A razão desse problema pode estar na grande diversidade de tipos de empreendedores, por ser um assunto raro, que atrai especialistas de diversos ramos de disciplina e na possibilidade de estudá-los pela perspectiva de diversos ramos da ciência, como, por exemplo, a economia, a sociologia, a psicologia etc.

Entretanto, diversas pesquisas, que abordam as duas temáticas, citadas anteriormente, já foram realizadas, das quais podemos extrair algumas conclusões:

- a percepção comum de que os empreendedores têm menos educação formal do que a população em geral provou ser mais mito do que realidade. Estudos descobriram que os empreendedores, como um todo, e as empreendedoras, em particular, têm escolaridade muito maior do que a população em geral (Hisrich e Peters, 2004);
- 25% das crianças, no jardim de infância, demonstraram características empreendedoras importantes, como necessidade para realização e correr risco, comparado a somente 3% de estudantes em escola secundária (Kourilsky, 1980);
- nas universidades, poucos, dos futuros empreendedores, se dão conta de que terão o empreendedorismo como seu principal objetivo de vida. Mesmo entre a minoria que percebe isso, relativamente poucos indivíduos iniciarão um negócio imediatamente após a graduação, e apenas alguns se prepararão para a criação de um novo empreendimento através do trabalho em um determinado cargo ou indústria (Filion, 1999);
- um pequeno estudo com jovens universitários detectou que apenas 20% deles gostariam de ser empreendedores; as respostas foram próximas a zero, ou seja, praticamente nenhum universitário brasileiro hoje busca seriamente o empreendedorismo. “O que eles estão fazendo? Preparando seus currículos para enviarem a grandes empresas” (Vianna, 2004);
- uma pesquisa realizada por Candace Borland, com 375 estudantes de administração da Universidade do Texas, apontou que, em termos gerais, os estudantes que desejavam começar um dia seu próprio negócio, estavam numa forte crença no controle interno e uma baixa crença na capacidade dos outros de controlarem os seus destinos (Shapero, 1975);

Diante do exposto, é possível perceber a inexistência, ainda, de pesquisas definitivas, que mostrem, claramente, qual o nível educacional (fundamental ou superior) ou qual a idade ideal, propícia, para se aprender a empreender. O que se tem de concreto é o fato de a educação-aprendizagem e escola ajudem no processo de mudança do comportamento e no surgimento de novos atributos.

2 A educação empreendedora e o potencial empreendedor

A questão da educação tem sido de interesse de diversos pesquisadores, dada sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, refletindo no desenvolvimento da própria nação. Porém, tal questão torna-se essencial no mundo atual, com a rápida circulação de informações, provocando modificações profundas nas mais diversas áreas de atuação humana. Dentro da educação, diversos autores têm, por décadas, se dedicado a um debate que se tornou clássico em Psicologia. Tal debate reflete o esforço na busca de uma resposta para a seguinte pergunta: qual a causa do comportamento humano? Dessa pergunta original, surgem outras: 1) O comportamento humano é determinado por fatores genéticos? 2) O comportamento humano é determinado por fatores ambientais, ocorrendo, portanto, devido à aprendizagem? 3) O comportamento é influenciado em parte pela composição genética (*nature*) e em parte pelo ambiente (*nurture*)? 4) Existe um fator que se destaca em relação ao outro?(Souza, 2000, p.27)

Na educação, o debate relativo aos fatores determinantes do comportamento ficou conhecido como “*nature x nurture*” e, apesar de não haver um consenso entre os diversos teóricos interessados no tema, há uma tendência de não aceitação das visões extremadas. Mesmo diante das influências genéticas ou ambientais, há um papel do indivíduo, decidindo que comportamento será adotado nas mais diversas situações. Em face disso, Atkinson, Atkinson, Smith e Bem (1995) encontraram na Psicologia educacional três perspectivas:

- a perspectiva biológica: enfatiza a composição genética do indivíduo como principal fator a influenciar o comportamento. Há um caráter hereditário.
- a perspectiva comportamental: enfatiza os processos de aprendizagem como principal influência do comportamento. Esta perspectiva tem sua origem no movimento behaviorista.
- a perspectiva cognitiva: considera o papel dos processos mentais envolvidos na emissão do comportamento. O comportamento é fruto de uma decisão do indivíduo, com base em seus objetivos.

Além dos números pouco expressivos da Educação superior brasileira, é mais do que sabido que, hoje, fazer um curso superior, público ou privado, não é garantia de emprego para ninguém. Esta realidade é uma vilã para as IES, já que desmotiva os jovens a concluírem a graduação. Como as universidades, faculdades e centros universitários podem contornar esse problema? “Formando empreendedores” é a resposta de algumas instituições, que estão deixando de lado a cultura de preparar o aluno para ser empregado e estão dando os primeiros passos em outro caminho, o dos empreendedores.

De acordo com Dolabela (1999, p. 23), “ainda não existe resposta científica sobre se é possível ensinar alguém a ser empreendedor. Mas sabe-se que é possível aprender a sê-lo”. “Na verdade, não se trata de ensinar, mas de desenvolver, porque todas as pessoas nascem empreendedoras, assim como todo o mundo nasce com potencial para andar, cantar, tocar um piano” (Dolabela, 2005). Os empreendedores inatos continuam existindo e sendo referências de sucesso, no entanto, outros podem ser capacitados para a criação de empresas duradouras (Dornelas, 2001). Assim, também, desfaz-se a tese de que empreendedorismo é fruto de herança genética, ou seja, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras (Filion, 1991)

Segundo Winslow et al (1997), a educação aplicada ao empreendedorismo foi referenciada há muitos anos atrás, mais precisamente em 1938, por Shigeru Fujii, Professor Emeritus da Universidade de Kobe, no Japão. Os primeiros cursos em empreendedorismo, que emergiram com oferecimento acadêmico por volta de 1960, tiveram como sua especialização focalizar as atividades que envolvessem, originassem e desenvolvessem o crescimento de novas empresas (Guglielmino & Klatt, 1993; Marchigiano-Monroy, 1993). O crescimento destes cursos é um fenômeno acadêmico que não é provável dissipar logo.

Uma variedade de programas em educação e treinamento apontam para o desenvolvimento de empreendedores, aumentando a chance de sucesso para empreendimentos pequenos e médios, e estão sendo empregados em países do mundo inteiro. Segundo Smilor e Pegram (2003), em uma recente conferência patrocinada pela Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD) em Budapeste, os apresentadores enfatizaram que há pequena evidência disponível no impacto de treinamento empreendedor, devido a uma falta de dados. Eles deram ênfase à necessidade por pesquisa para aumentar os dados qualitativos e quantitativos relacionados à educação e ao empreendedorismo e também discutiram a importância do aprendizado empreendedor.

A importância desta educação, para Rasheed (2000), é identificar e criar os empreendedores potenciais, ao longo do processo educacional, o que poderia produzir muitos benefícios econômicos a longo prazo. Outro ponto importante é a criação de um sistema de apoio à empresa baseado em educação empreendedora planejada, que estimule e facilite atividades empreendedoras, podendo resultar em uma redução da taxa de desemprego, aumentar a criação de novas empresas e diminuir os fracassos de negócios existentes, é o que propõe Hansemark, (1998). É um componente econômico e estratégico importante, para nutrir a criação de trabalho (McMullan et al, 1986). Para Vesper (1990), esta educação, na universidade, facilita o processo para criar uma consciência empreendedora e, segundo Leite (2000, p. 533), as universidades precisam formar empreendedores e a sociedade necessita deles.

A educação empreendedora foi definida por Hansemark (1998), como a educação com o propósito de criar um novo produto ou serviço, que resulte em alto valor econômico, focado em conhecimento sobre a pequena empresa, auto-emprego e novas habilidades e atributos. Para Aiub (2002), esta educação é um dos caminhos encontrados para a criação de um ambiente que estimule comportamentos sociais voltados para o desenvolvimento da capacidade de geração do próprio trabalho.

Por outro lado, Winslow et al (1997) acreditam que há uma necessidade de abandonar formas mais tradicionais de ensinar e os métodos de avaliação, para métodos não convencionais. Para Chamard (1989 apud Rasheed 2000), o sistema de ensino formal não é particularmente encorajador ao empreendedorismo e possivelmente suprime as mais importante características empreendedoras. De acordo com Singh (1990), a educação tradicional, na verdade, inibe o empreendedorismo

e enfatiza a necessidade de reorientar e avaliar o sistema escolar, com o método empreendedor, para cultivar uma cultura de empreendedores.

De acordo com Dolabela (2000, p.86), as nossas universidades têm ainda que superar desafios internos para poder concentrar as suas energias na formação de pessoas com características empreendedoras. O modelo organizacional em que assenta hoje o ensino universitário brasileiro está esgotado. É preciso: (re)institucionalizar e (re)inventar o ensino superior brasileiro, baseado no empreendedorismo (Leite, 2000, p. 533); promover um programa nacional de educação empreendedora que abarque todos os níveis escolares, em particular os campos de formação técnica e o nível superior (Filion, 2000, p.35); mudança radical das prioridades pedagógicas do ensino de habilidades analíticas para resolução de problemas em direção ao cultivo de uma mentalidade inovadora, capaz de mudar paradigmas (Chia, 1996 e Filion, 1999, p. 27).

2.1 Potencial empreendedor

De acordo com Krueger (1997), apesar do imenso interesse em saber como as empresas novas emergem, pequeno número de pesquisas conceitualiza potencial empreendedor rigorosamente. Cielo (2001, p.52) acredita que existem características, maneiras de agir e pensar que favorecem o surgimento de indivíduos, com maior “espírito empreendedor”, capazes de obter êxito em um mesmo negócio e em outros fracassarem, atingir o sucesso em áreas para as quais não se formaram na escola, ou com as quais não estiveram diretamente associados durante a maior parte de suas vidas. Esse diferencial é o chamado potencial empreendedor.

Krueger e Brazeal (1994) utilizaram a perspectiva psicológica e social para conceituar e testar a noção do potencial empreendedor. Entretanto, para Krueger (1997), o ambiente favorável e as percepções conduzem crenças e atitudes de empreendedores potenciais. Por exemplo, percepções sobre possíveis conseqüências, boas ou más; opinião de familiares e amigos; as próprias competências e a receptibilidade da comunidade para a atividade empreendedora compõem uma confiança individual de conveniência e possibilidade para instituir uma nova empresa.

Baron e Markman (2000) fizeram os seguintes questionamentos: “Nós podemos diferenciar confiantemente e constantemente os empreendedores de outras pessoas, ou o que diferencia os fundadores empresariais de outros que não começam uma empresa?” Procurando resposta para essas perguntas, alguns estudos, com os fatores ambientais, discutiram que as pessoas se tornam empreendedoras por causa dos baixos custos de oportunidades (Amit et al, 1993). O empreendedor em potencial pode ser hoje enfermeira, secretária, trabalhador de linha de montagem, mecânico, vendedor, dona de casa, gerente ou engenheiro. O empreendedor em potencial pode ser homem ou mulher e de qualquer raça ou nacionalidade (Hisrich e Peters, 2004, p.77).

Ao verificar, também, os fatores psicológicos, é flagrante a quantidade de pesquisadores que defendem tais características como preditoras do comportamento empreendedor. Entretanto, para Shaver e Scott (1991), as pesquisas que enfatizam os fatores relacionados com a personalidade e características demográficas tendem negligenciar a natureza intencional da atividade empreendedora. “Alguém, afinal de contas, tem que decidir começar um negócio, e, se nós vamos identificar e apoiar os empreendedores, nós precisamos entender melhor como as pessoas tomam esta decisão”. Para os autores, identificar o potencial empreendedor parece requerer, também, uma infra-estrutura cognitiva apropriada.

Palich e Bagby (1992 apud Morales 2004, p.49) estudaram os empreendedores na ótica da psicologia cognitiva, e afirmaram que os empreendedores não se diferenciam dos não empreendedores, no sentido de que os primeiros procurariam mais situações de resultados incertos, mas sim no sentido de que interpretam e categorizam (classificam) mais situações como tendo “mais forças que fraquezas”, “mais oportunidades que ameaças” e “mais chances de ganho do que de perda”. Assim, quando um empreendedor procura uma atividade que pode ser ignorada ou negligenciada por um não empreendedor, ele o faz porque a percepção do empreendedor dos resultados positivos que ela pode trazer é maior do que uma predisposição de assumir riscos.

Shaver (1995) pesquisou tanto as características psicológicas como cognitivas, e descobriu que as atitudes, habilidades interpessoais e processo de cognição pessoal podem ser aprendidas posteriormente na vida. Portanto os empreendedores podem nascer assim, mas podem ser preparados. Um exame da psicologia na criação do novo empreendimento revelou que as crenças de uma pessoa sobre o potencial empreendedor podem ser mudadas.

Ao abordar alguns inibidores do potencial empreendedor, Filion (2000, p.34) apontou, pelo menos, seis obstáculos ao desenvolvimento do potencial empreendedor e, mais uma vez, destaca a educação superior, como o principal meio para vencê-los: autoconfiança; falta de confiança que existe entre os brasileiros; abordagens próprias ao Brasil, identificadas com as características culturais; disciplina; necessidade de compartilhamento e burocracia.

Referindo-se ao ambiente mais hostil para o empreendedorismo, Dolabela (2005) escolheu a família, como o mais forte, e a escola, como reforçadora dessa. “Ambas são inibidoras do potencial empreendedor. E essa inibição opera quando a criança ainda está no útero. A biologia nos define como uma espécie capaz de empreender. Mas a cultura é que define tudo e acaba com tudo”. O sucesso e a satisfação no emprego e na vida particular são os fatores que mais inibem as pessoas a tomar

a decisão de se tornar empreendedor. Além destes, há outros três fatores, na ótica de Degen (1989), que inibem o surgimento de novos empreendedores, como: imagem social, disposição para assumir riscos e o capital social.

Haja vista a grande quantidade e diversidade de pesquisas, que adotam as características ambientais, demográficas, psicológicas, e, mais recentemente, cognitivas, como predictoras ou não do comportamento empreendedor, resolvemos unir algumas características psicológicas e cognitivas, como parâmetros para a investigação do potencial empreendedor, composto dos seguintes fatores: necessidade de independência, atitudes, locus de controle, oportunidade, auto-eficiência, percepção e intenção e inibidores do potencial empreendedor. É importante ressaltar a visão de Fillion (2000, p.38): “o empreendedorismo é um campo de pesquisa emergente, onde não existe ainda uma teoria estabelecida”.

3 Metodologia

A pesquisa, ao investigar a relação entre os fatores psicológicos e cognitivos com o potencial empreendedor em estudantes do Curso de Administração (diurno e noturno) de uma Instituição de Ensino Superior (IES), trata, inicialmente, de uma perspectiva epistemológica positivista, que, segundo Richardson (1999), é um movimento que enfatiza a ciência e o método de investigação empírica e caracteriza-se, ainda, por ser do tipo exploratório-descritivo, na medida em que procura observar, descrever, registrar, analisar e correlacionar fatos novos e existentes. Visa obter o conhecimento do assunto através de procedimentos técnicos, como a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, e quanto à natureza é quantitativa.

A busca de dados empíricos foi realizada através da *técnica de documentação direta*, por intermédio do questionário, que representa um conjunto de perguntas dispostas seqüencialmente, elaborado em função dos objetivos da pesquisa ou das questões que se investigam. Foi testada a validade e fidedignidade do questionário, através de dois estudos-pilotos, com alunos da própria instituição, porém de cursos diferentes. Durante o período de coleta de dados, novembro a dezembro/2004, foram entrevistados 264 alunos do Curso de Administração de uma Universidade privada do Rio Grande do Norte. O universo de alunos pertence ao primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e concluintes, representando um total de 797 alunos. A Tabela 4.1 mostra a distribuição do número de alunos de acordo com o turno e ano em que está matriculado e os percentuais, proporcionalmente, da população e da amostra no curso.

Tabela 4.1: Distribuição do número de alunos (população e amostra)

Turno		1º ANO			2º ANO			3º ANO			Concluintes			Total	
População	Manhã	250	402	50%	36	176	22%	39	139	17%	26	80	10%	797	100%
	Noite	152			140			100			54				
Amostra	Manhã	72	122	46%	30	69	26%	18	46	17%	11	27	10%	264	100%
	Noite	50			39			28			16				

Fonte: pesquisa direta

Um modelo de pesquisa foi elaborado a fim de obter informações relevantes para o objetivo do trabalho, ou seja, investigar a relação entre os fatores psicológicos e cognitivos e o potencial empreendedor no ensino superior privado.

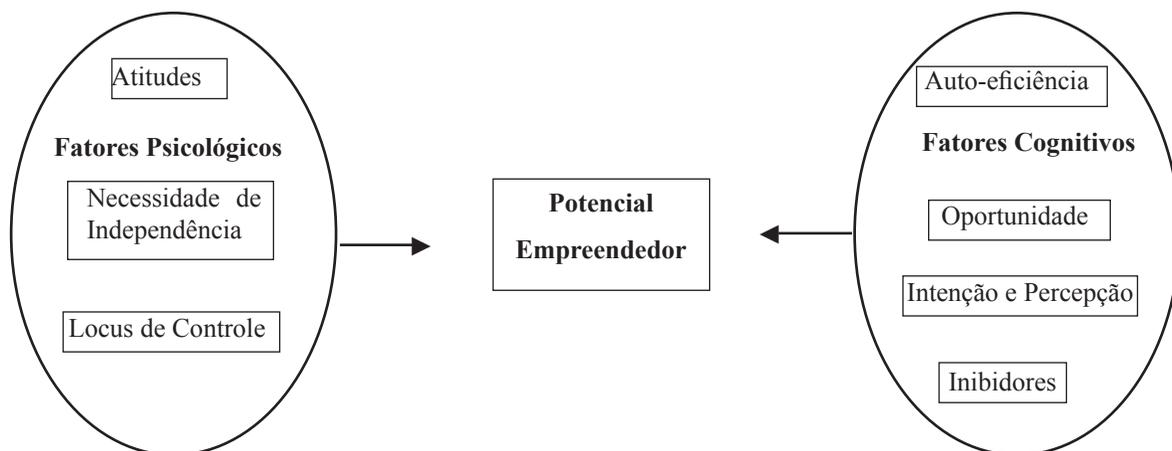


Figura 1: Potencial empreendedor (elaboração própria).

O quadro 2, abaixo, mostra de forma reduzida as variáveis e as questões investigadas, compostas por sete variáveis independentes (atitudes, locus de controle, necessidade de independência, auto-eficiência, oportunidades intenção e percepção e inibidores) e uma variável dependente (potencial empreendedor), interligadas umas com as outras, oriundas de dois fatores, o cognitivo e o psicológico.

Variáveis	Abordagem	Principais Autores
Intenção e Percepção	- Interesse em ser o próprio patrão; - Importância do empreendedor para a sociedade; - Educação voltada para o empreendedorismo; - Caso de uma pessoa ganhar um milhão na loteria; - Abrir uma empresa durante a universidade; - O mais importante para iniciar um novo negócio; - Principal motivo que levaria a abrir uma empresa.	- Krueger (1997); - Chaui (2004); - Bird e Brush (2003); - Gibson et al (1981)
Atitudes	Sobre as atitudes necessárias para uma pessoa que vai abrir uma empresa	- Leite (2000); - Nassajon et al (2004).
Oportunidade	Sobre oportunidade de abrir uma empresa	Dolabela(1999, 2000 e 2005); - Dornelas (2001); - Degen (1989).
Auto-eficiência	Aspectos relacionados com a capacidade de gerir uma empresa	- Degen (1989); - Chen et al (1998).
Necessidade de independência	Aspectos relacionados à forma de agir diariamente	- Hisrich e Peters (2004).
Locus de controle	Sobre o dia a dia dos acontecimentos na vida	- Hisrich e Peters (2004).
Inibidores do potencial	O que inibe a abertura de uma empresa	- Filion (1991, 1997, 1999 e 2000); - Degen (1989).
Potencial empreendedor	Avaliação de uma situação geral	Todo os anteriores

Quadro 2: Variáveis do questionário x Abordagem x Autor (Elaboração própria)

Na análise dos resultados, foi utilizado programa estatístico com base nos seguintes critérios: análise bivariada e regressão linear múltipla, para desenvolver uma questão estimativa de autopeso, através da qual podem-se prever valores para uma variável de critério ou variável dependente (VD) a partir dos valores de diversas variáveis de previsão ou variável independente (VI); cluster, para determinação de grupos homogêneos em relação às respostas do questionário, e qui-quadrado, para estudar a associação ou dependência entre duas variáveis. As variáveis do modelo foram operacionalizadas em uma escala de intensidade tipo “likert” de 5 pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

4 Análise e discussão dos resultados

Tendo como parâmetro a análise descritiva, sugere-se, nos tópicos relacionados às variáveis necessidades, atitude, habilidades e percepção que, apesar de haver grande interesse na atividade empreendedora, o dinheiro é o que motiva os alunos do curso de administração, na hora de abrir um negócio.

Todavia, ao analisar uma situação em que os alunos possuem dinheiro, não há um comportamento empreendedor esperado, permitindo inferir que a falta de dinheiro não é o problema pelo qual as pessoas deixam de abrir empresas. Em outra situação, em que se aborda o sucesso na carreira e um bom emprego contra uma oportunidade de ficar rico, sugere-se que o conservadorismo dos benefícios de ser empregado continuam sendo, para os estudantes, fatores inibidores da tomada de decisão de se tornar empreendedor, e a percepção dos estudantes sobre os resultados positivos que uma nova situação pode trazer é menor do que uma predisposição de assumir riscos. Portanto, essas constatações podem revelar obstáculos ao comportamento empreendedor.

Quanto à relação entre atitudes e comportamentos, constatou-se uma relação entre ambos, nas seguintes variáveis: interesse em ser o próprio patrão e importância do empreendedor para a sociedade, através da análise bivariada com um grau

de correlação significativa, respectivamente, igual a 0,19 e 0,16 ($p < 0,05$). Para o trabalho analisado, não há comprovação de que atitudes empreendedoras correspondam a um comportamento empreendedor. Quanto à regressão múltipla, as variáveis analisadas explicam 30% do comportamento empreendedor.

Analisando o perfil dos dois grupos formados, nas quatro variáveis exploradas, verifica-se que nenhuma outra associação foi encontrada entre clusters e perfil dos entrevistados, mostrando não haver distinção significativa de opiniões entre os grupos estudados, ou seja, uma uniformidade de respostas entre os mesmos.

Conclusões

Embora o trabalho tenha concluído que existe um acentuado interesse em abrir um negócio, por parte dos entrevistados, e que estes acreditam na importância da educação e do empreendedor para a sociedade, não confirma que existe um perfil ou conjunto de características que diferencie os empreendedores dos não-empreendedores, pois uma pessoa possuidora de tais características, muito embora sem elas não consiga empreender, possivelmente revela atitudes empreendedoras e não um comportamento empreendedor.

Portanto, através dos resultados empíricos aqui demonstrados, pode-se concluir que, para os alunos do Curso pesquisado, a educação do empreendedorismo, possivelmente, provoca mudanças positivas em algumas atitudes, embora, em outras, estas mudanças não podem ser constatadas. Já, quanto ao comportamento, não foi observada uma influência da educação empreendedora no sentido de modificá-lo positivamente. No que tange às variáveis empreendedoras citadas na literatura, elas não suportam uma relação com o comportamento empreendedor, talvez, devido a outros fatores que influenciam nesse comportamento, como o método da educação empreendedora utilizado, fenômenos sociais, o ambiente, a família, a religião, que não fizeram parte do escopo deste trabalho.

A constatação de não haver uma evidenciação de comportamento e uma progressividade nas atitudes demonstradas pelos alunos, nos quatro anos estudados, sugere-se que as atividades de graduação em universidades devam se concentrar em mudanças de atitudes, como pré-requisito à implementação de uma cultura que privilegie a atividade de criação de empresa, com metas e resultados mensurados, também, por intermédio de pesquisas quantitativas.

Por fim, a principal implicação teórica e prática é que a educação do empreendedorismo, em nível de ensino superior, pode ser eficaz para mudar atitudes, mas, quanto ao comportamento, pode ir além das possibilidades de uma educação em um ambiente universitário habitual.

Ou seja, as estratégias da educação superior em focar todo o tempo de duração do curso, com pelo menos uma disciplina em cada semestre, em uma educação voltada para o empreendedorismo, com o objetivo de mudança no comportamento e criação de empresa, podem ser ineficazes, acarretando um desperdício exagerado de energia e tempo.

Referências

- AIUB, G. W. *Inteligência empreendedora: uma proposta para a capacitação de multiplicadores da cultura empreendedora*. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- AMIT, R.; GLOSTEN, L.; MULLER, E. Challenges to theory development in entrepreneurship research. *Journal of Management Studie*, Oxford, v. 30, n. 5, p. 815-834, 1993.
- ATKINSON, R. L. et al. *Introdução à psicologia*. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- BARON, R. A.; MARKMAN, G. D. *Cognitive mechanisms: potential differences between entrepreneurs and non-entrepreneurs*. In: ANNUAL NATIONAL CONFERENCE ENTREPRENEURSHIP: THE ENGINE OF GLOBAL ECONOMIC DEVELOPMENT. San Francisco, Califórnia, de 21 a 24 June 1997. Disponível em: <<http://www.usasbe.org/knowledge/proceedings/1997/index.asp>>.
- BIRD, B. J.; BRUSH, C. G. *What is entrepreneurial vision and how does it work?* Working Paper, 19-2003. Disponível em: <http://smgnet.bu.edu/smgnet/css/staff/pub/GetFile.cfm/Brush,_C_19.pdf?wid=1454&did=250&Filename=Brush,_C_19.pdf>.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- CHEN, C. C.; GREENE, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *Journal of Business Venturing*, Elsevier, v. 13, p. 295-316, 4 July, 1998.
- CHIA, R. Teaching paradigm shifting in management education: university business schools and the entrepreneurial imagination. *Journal of management Studies*, Oxford, v. 33, n. 4, p. 409-428, 1996.
- CIELO, I. D. *Perfil do pequeno empreendedor: uma investigação das características empreendedoras nas empresas de pequena dimensão*. 2001. 103 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

- DEGEN, R. J. *O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.
- DIPLOMA: garantia de um futuro tranquilo? Reportagem exibida no Globo Repórter em 11/06/2004. Disponível em: <<http://redeglobo6.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-3430-2,00.html>>. Acesso em: 10 jul. 2004.
- DOLABELA, F. O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro. In: INSTITUTO EUVALDO LODI. *Empreendedorismo: ciência, técnica e arte*. 2. ed. Brasília, DF: CNI/IEL, 2000.
- DOLABELA, F. *Fugir do risco é psicose*. Entrevista concedida a Revista Amanhã. Disponível em: <<http://amanha.terra.com.br/edicoes/206/entrevista.asp>>. Acesso em: 3 jan. 2005.
- DOLABELA, F. *Oficina do empreendedor*. 6. ed. São Paulo: Cultura, 1999.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- FILION, L. J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: INSTITUTO EUVALDO LODI. *Empreendedorismo: ciência, técnica e arte*. 2. ed. Brasília, DF: CNI/IEL, 2000.
- FILION, L. J. From entrepreneurship to entreprenology: the emergence of a new discipline. *Journal of Enterprising Culture*, v. 6, n.1, p. 1-23, 1998.
- FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizado empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 63-71, jul./set. 1991.
- GAUTHIER F. A. et al. Análise de questionários para a avaliação de perfil empreendedor. ENCONTRO NACIONAL DE EMPREENDEDORES, 1., 1999. *Anais...* Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. 1 CD-ROM.
- GIBSON, J. L. et al. *Organizações: comportamento, estrutura, processos*. São Paulo: Atlas, 1981.
- GUGLIELMINO, P. J.; KLATT, L. A. Self-directed learning readiness as a characteristic of the entrepreneur. In: H. B. LONG AND ASSOCIATES. *New ideas about self-directed learning*. Norman, OK: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education of the University of Oklahoma, 1994. p 161-174.
- HANSEMARK, O. C. The effects of an entrepreneurship programmer on need for achievement and locus of control of reinforcement. *International Journal of Entrepreneurship Behaviour and Research*, v. 4, n. 1, 28-50, May 1998.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. *Empreendedorismo*. Tradução Lene Belon Ribeiro. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- KOURILSKY, M. L. Predictors of entrepreneurship in a simulated economy. *The Journal of Creative Behavior*, v. 14, n. 3, p. 175-199, 1980.
- KRUEGER, N. F. Nurturing local economic resilience: now communities can develop entrepreneurial potential. Troy State University - Malmstrom. In: USASBE ANNUAL NATIONAL CONFERENCE ENTREPRENEURSHIP: THE ENGINE OF GLOBAL ECONOMIC DEVELOPMENT, 1997. San Francisco, June, 1997. Disponível em: <<http://www.usasbe.org/knowledge/proceedings/1997/index.asp>>.
- KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, v. 18 n. 3, p. 91-104, 1994.
- LEITE, E. F. *O fenômeno do empreendedorismo*. Recife: Bagaço, 2000.
- MARCHIGIANO-MONROY, T. Realities and emerging realities of adapting to changing global economic conditions: rethinking the role of SBI/SBIDA in entrepreneurial Education. In: NATIONAL SMALL BUSINESS CONSULTING CONFERENCE, 1993. *Proceedings...* [S.l.]: SBIDA, 1993. p. 120-130, 1993.
- McMULLAN, W. E.; LONG, W. A.; GRAHAM, J. B. *Entrepreneurship education in the nineties*. *Journal of Business Venturing*, v.2, n. 3, p. 261-275, 1986.
- MORALES, S. A. *Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores*. 2004. 204 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- NASSAJON, C. et al. *Administração empreendedora: teoria e prática usando o estudo de casos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- PAIVA, F. H. D. de. *Cultura e prática empreendedoras: um estudo de caso em instituição de educação tecnológica no Brasil*. 2002.

106 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção)-Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

PAMPLONA, J. B. *Conceito polêmico*: entrevista. *Época*, Rio de Janeiro, Ed. 242, p. 53, 6 de janeiro de 2003.

PENHA, J. da. *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática, 1994.

RASHEED, H. S. *Developing entrepreneurial potential in youth: the effects of entrepreneurial education and venture creation*. Florida: University of South Florida, 2000.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, S. A. dos. A ação empreendedora em uma economia globalizada e competitiva. In: *Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor*. Brasília, DF: SEBRAE, 1995. p. 23 .

SHAPERO, A. The displaced, uncomfortable entrepreneur. *Psychology Today*, New York, v. 2, n.133, p. 83-88, June 1975.

SHAVER, K. G. The entrepreneurial personality myth. *Business & Economic Review*, v. 41, n. 3, p. 20-23, abr 1995.

SHAVER, K. G.; SCOTT, L. R. Person, process, choice: the psychology of new venture creation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 29, n. 3, p. 23-42, Winter, 1991.

SINGH, J. B. Entrepreneurship education as a catalyst of development in the third world. *Journal of Small Business and Entrepreneurship*, v. 7, n. 4, p. 56-63, 1990.

SMILOR R. W.; PEGRAM, K. M. *The learning needs of high-potential entrepreneurs in Latin America*. Paper presented at the 2nd International Conference on Entrepreneurship in Latin America Viña del Mar, Chile, 26-28 October 2003 .

SOUZA, M. A. de. *Fundamentos psicossociais da educação*. Apostila do Curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior a distância. UFRJ/CFCH e CEP/NuCEAD, 2000.

VESPER, K. H. *New venture strategies*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1990.

VIANNA, M. A. *Reflexões sobre o futuro da educação e do trabalho*. Disponível em: <http://www.aprendervirtual.com.br/ver_noticia.php?codigo=158>. Acesso em: 10 ago. 2004.

WINSLOW, E. K.; SOLOMON, G. T.; TARABISHY, A. *Empirical investigation into entrepreneurship education in the United States: some results of the 1997 national survey of entrepreneurial education*. George Washington University, 1997.

Recebido em: 13.7.2004

Aprovado em: 28.5.2005